

VOZES QUE CURAM E VOZES QUE NARRAM: O RITUAL DE CURA NA VOZ DA REZADEIRA NAZARÉ

Patrícia Cristina de Aragão¹ 

Franciel dos Santos Rodrigues² 

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise sobre o ritual de cura e a influência social das rezadeiras e rezadores da cidade de Junco do Seridó, na Paraíba, por meio da voz da Rezadeira Nazaré, buscando compreender como um ofício colocado entre as ramificações folclóricas, desempenhou e desempenha um papel de suma importância para a história cidade. Expondo historicamente o ato da cura e seus ritos religiosos, além da relação dessas detentoras de saberes com o sagrado cristão e de outras tradições religiosas, e que se foi possível fazer por meio de um estudo sobre cultura popular, especialmente a história cultural e social, trazendo uma interpretação dessas práticas de cura, seus símbolos e sua importância, expondo um estudo aprofundando não apenas sobre sua história e seus os ritos, mas a implicância social deste ofício.

Palavras-chave: Cultura. Rezadeira. Ritual. Memória.

HEALING VOICES AND VOICES THAT NARRATE: THE HEALING RITUAL IN THE VOICE OF THE REZADEIRA NAZARÉ

ABSTRACT: The present work presents an analysis of the healing ritual and the social influence of the prayers and prayers of the city of Junco do Seridó, in Paraíba, through the voice of Rezadeira Nazaré, seeking to understand how a craft placed among the folk branches, played and plays a very important role for city history. Historically exposing the act of healing and its religious rites, in addition to the relationship of these holders of knowledge with the christian sacred and other religious traditions, and that it was possible to do through a study on popular culture, especially cultural and social history, bringing an interpretation of these healing practices, their symbols and their importance, exposing a study deepening not only about their history and their rites, but the social implication of this craft.

Keywords: Culture. Prayer. Ritual. Memory.

GUÉRISON DES VOIX ET DES VOIX QUI RACONTENT: LE RITUEL DE GUÉRISON DANS LA VOIX DE LA REZADEIRA NAZARÉ

RÉSUMÉ: L'œuvre présente une analyse du rituel de guérison et de l'influence sociale des prières et des prières de la ville de Junco do Seridó, à Paraíba, par la voix de Rezadeira Nazaré, cherchant à comprendre comment un métier placé parmi les branches folkloriques, a joué et joue un rôle très important pour l'histoire de la ville. Historiquement exposer l'acte de guérison et ses rites religieux, en plus de la relation de ces détenteurs de la connaissance avec le sacré chrétien et d'autres traditions religieuses, et qu'il était possible de faire à travers une étude sur la culture populaire, en particulier l'histoire culturelle et sociale, apportant une interprétation de ces pratiques de guérison, leurs symboles et leur importance, exposant une étude

¹ Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1989), Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1990), Mestrado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba, atuando no curso de História, no Mestrado Profissional em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social.

² Possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (2019) e atualmente encontra-se como aluno na Pós Graduação *lato sensu* em História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade Dom Alberto.

approfondissant non seulement sur leur histoire et leurs rites , mais l'implication sociale de ce métier.

Mots-clés: Culture. Prière. Rituel. Mémoire.

VOCES SANADORAS Y VOCES QUE NARRAN: EL RITUAL DE SANACIÓN EN LA VOZ DE LA REZADEIRA NAZARÉ

RESUMEM: La presente obra presenta un análisis del ritual curativo y la influencia social de las oraciones y oraciones de la ciudad de Junco do Seridó, en Paraíba, a través de la voz de Rezadeira Nazaré, buscando entender cómo un oficio colocado entre las ramas populares, jugado y juega un papel muy importante para la historia de la ciudad. Históricamente exponer el acto de sanación y sus ritos religiosos, además de la relación de estos poseedores del conocimiento con las tradiciones cristianas sagradas y otras tradiciones religiosas, y que fue posible hacer a través de un estudio sobre la cultura popular, especialmente la historia cultural y social, trayendo una interpretación de estas prácticas curativas, sus símbolos y su importancia, exponiendo un estudio profundizando no sólo sobre su historia y sus ritos , pero la implicación social de este oficio.

Palabras clave: Cultura. Oración. Ritual. Memoria.

Introdução

Situada no estado da Paraíba, especificamente no sertão, na região metropolitana de Patos e nas margens da BR-230, nos deparamos com uma pequena cidade fundada em 1961 e atualmente com cerca de 8.000 habitantes. Falamos de Junco do Seridó, uma cidade de aspecto cultural sertanejo voltado para a agricultura e minério, além de religiosamente estar ligada às tradições cristãs, tais como: o catolicismo e o protestantismo, desde antes de sua fundação.

Essa cidade que, aos olhos da história é considerada nova, também possui suas histórias e suas tradições culturais. É comum quando nos debruçamos sobre esse local e observamos os detalhes, seja nas rodas de conversas, estórias das pessoas mais velhas como, também, no próprio dia a dia da cidade, a presença de figuras populares conhecidas nacionalmente e com fortes atuações nas cidades interioranas e que desempenham uma importante função. Referimo-nos às parteiras, aos artesãos e aos rezadores e rezadeiras, sendo estas, pessoas que praticam esses ritos a favor da sociedade, como veremos posteriormente.

Sobre essas tradições que estamos falando, particularmente os rezadores e as rezadeiras de Junco do Seridó, que são interligadas às diversas tradições, estas, enraizadas muitas vezes nas manifestações religiosas oficiais por esses indivíduos que frequentam esses locais e que estão postos enquanto cultura popular, sendo essa a qual se expõe para o eixo de nossa discussão a presença da juncoense Maria Nazaré, mulher, cristã católica e rezadeira desde seus dez anos de idade.

São nas lembranças de Nazaré e de sua atuação enquanto rezadeira que estamos preocupados, pois são através delas que compreenderemos um pouco dentro do cientificismo da literatura histórica, como essa prática é promulgada dentro desse espaço em específico, tornando-o capaz de circular nas demais tradições religiosas como o próprio catolicismo local.

Dona Nazaré, como é popularmente conhecida, narra sua história e, ao mesmo tempo, expõe como organiza seu ritual de cura. É por meio dessa colocação que o artigo vai se constituindo, buscando entender como uma senhora de sessenta e seis anos, mesmo diante dos saberes oficiais como a medicina, ainda atua em sua comunidade.

Pensar nessa amplitude do que se constitui ao que vem ser cultura no Brasil através dos olhares da ciência histórica, é compreender que tal inquietação pode ser enxergada dentro do novo campo historiográfico, a qual, por meio dele pode-se discutir a produção da Nova História, especialmente a chegada da cultura como objeto de análise histórica.

A cultura ganha lugar por meio de novos objetos e fontes, dentre elas a aproximação da história cultural juntamente com a história social, em que, por meio deste diálogo, faz-se possível analisar como objeto de estudo desse artigo, o ritual de cura das rezadeiras e sua circularidade, especificamente a partir da voz da senhora rezadeira de Junco do Seridó, Maria Nazaré. Estudar o ofício da reza e seu ritual é ir além de um viés cultural, religioso e social, pois esse ofício qual se intitula como uma manifestação da cultura popular, possui signos e rituais que ressignifica esse rito nesses três grupos e que será percebido no decorrer da discussão.

Em primeiro momento é abarcado por meio do conceito de cultura popular introduzido por Burke (1991), como essas manifestações por vezes colocadas como populares no seu sentido pejorativo e homogêneo possui uma heterogeneidade, a qual possui inúmeras tradições, rituais e símbolos diversos em cada lugar social, como o ritual de cura dos rezadores, que se repleta de suas simbologias desde o período colonial através dos negros forros, índios e até a população colonizadora, contrapondo com as atuações das senhoras até nessa contemporaneidade.

No segundo momento, é exposta uma análise por meio do depoimento da senhora rezadeira Nazaré sobre sua atuação na cidade de Junco do Seridó, seu processo de iniciação e as orações as quais ela proclama, caminhando entre uma discussão sobre sincretismo religioso, pluralismo e o conceito de circularidade cultural, introduzindo

por Ginzburg (1986), abarcando a circularidade presente entre o ritual de cura da rezadeira e sua presença dentro do catolicismo oficial.

Por fim, o presente artigo visa responder as problemáticas levantadas em torno da pesquisa construída em campo juntamente com a historiografia, visando trazer essa abordagem para o campo histórico e cultural, compreendendo as ressignificações do ritual de cura da senhora Nazaré e suas implicações dentro desse ambiente social e místico.

O ritual de cura e seus oficiais

Quando escutamos falar sobre pessoas que buscam uma rezadeira ou um benzedor para curar tal mazela, seja ele do corpo ou do espírito, inconscientemente assimilamos sempre a figura de senhores e senhoras com ramos na mão, manuseando determinados movimentos e proclamando algumas palavras que trazem uma determinada cura. Porém, pouco se pensa sobre quem são essas senhoras e senhores e onde aprenderam tais ritos que utilizam até os dias de hoje e como conquistaram a confiança em suas comunidades. Tais questionamentos permitem que pensemos sobre esse ritual de reza que faz parte das memórias dos detentores desse ofício.

É na intimidade da prática de cura e do seu ritual³ que as rezadeiras e rezadores, enquanto um ofício da cultura popular, toma lugar. Seus gestos, símbolos e práticas são conjuntos que caracterizam o ofício dessas pessoas, nos quais partindo de suas memórias, é visível perceber como essas manifestações adentram no cotidiano das comunidades que eles fazem parte.

A partir desse ritual podemos perceber que os benzedeiros reafirmam sua identidade, eles as caracterizam enquanto sujeito, e dão sentido ao lugar deles enquanto rezadores. Como mostra SALES (2007, p. 267), ao tratar sobre esse ritual, percebe-se que, na sua maioria, as detentoras desses saberes, por mais que sejam ensinados a elas, seu ofício advém de um dom divino, ou seja, suas práticas de cura partem da relação entre a rezadeira ou rezador e a sua intimidade com o sagrado.

Assim, cabe pensar o ritual de cura que essas pessoas ministram, como uma extensão de sua ligação com o sagrado e com a sociedade, pois elas servem como intermediárias entre a prática de cura e a crença que o sujeito que a procura possui. É nesse olhar que se observa como esses senhores e senhoras dão sentido a suas

³ Ver conceito de ritual utilizado na obra: THOMPSON, 2010.

atividades e ganham reconhecimento, haja vista que mediante a essa crença, cuja se enraíza com o sagrado cristão, aqueles que o reconhecem enquanto sábios com relação à cura, possuem uma relação de fé para com eles. SALES (2008) descreve que esses ritos de cura ao tratar dos benzedeiros podem ser vistos diante de duas características:

As formas utilizadas pelas rezadeiras apresentam basicamente dois caracteres: as orações de proteção e de intuito curativo [...] Dentro do grupo terapêutico temos as rezas que destinam o caráter de cura diretamente a entidade religiosa e as que revelam a figura da rezadeira como intermediária para o fim dos males e as palavras sem apelo católico declarado. (SALES, 2008, p. 268).

Entre os rituais de cura dos rezadores, observa-se como uma manifestação da cultura popular vincula-se no cotidiano das pessoas, seja pela busca de uma determinada cura ou proteção sobre suas vidas e ações. A figura dos rezadores enquanto guardiões desses saberes, possibilita compreender como o seu respeito é adquirido, dentre eles a utilização de alguns símbolos, como as representações das imagens dos santos católicos e as suas orações cristãs mesmo sem o apelo ritualístico.

Seja nas vestimentas ou celebrações que são presentes nos rituais do catolicismo oficial, são utilizadas por elas enquanto ferramenta de seu ritual, reforçando a visão que, por mais que não seja uma tradição do catolicismo, elas conseguem rodear essa crença e ressignificar seu ofício. Teixeira (1997) aponta que as tradições de um catolicismo mais popular rodeiam nossa sociedade e, assim, é possível abarcar que, desde antes do século XVIII, as tradições populares no Brasil, especialmente do catolicismo rústico no qual os rezadores/benedeiras se incluem, estando presentes em nossa sociedade, trazendo uma significação para sua prática.

No tocar da tradição cristã tradicional que está dentro dos ritos e preceitos legais da igreja romana, nos chama atenção, pois de certa forma a igreja restringia essas práticas, a necessidade de manter uma relação com o sagrado desde o período colonial fez-se necessário que os fiéis praticassem suas orações no seu âmbito privado.

Nos primeiros anos coloniais, a presença de párocos, especialmente nas regiões interioranas era de difícil acesso. Luiz Mott (1997) analisa essa intimidade com o sagrado e o fiel ao observar como essa falta de líderes religiosos possibilitou o surgimento de indivíduos que possuíssem determinados conhecimentos sobre orações, além de ritos de cura que advém desse sincretismo religioso. Mott (1997) em sua pesquisa consegue encontrar indícios dessa prática de reza na região Nordeste ainda em

meados de 1700, que por sua vez, justifica essa relação cotidiana do colono, escravo e até mesmo indígena com o sagrado:

Eram variadas as práticas e a expertise desses humildes heterodoxos do agreste de Pernambuco, residentes nos engenhos do Anjo, Sibiró, Palma, Cavalcante, Caité, e Ipojuca: João Preto, escravo, benzia panos de estancar sangue das feridas; os pardos Faustina e João Dias faziam quimbandos, enquanto Joana, também parda, mais forra, benzia quebranto, olhado, carne-quebrada, ventre caído e bicheiro [...] (MOTT, 1997, p. 194).

Podemos perceber que a reza e seu ritual, por mais que caminhe no meio do catolicismo rústico, desempenha desde esse período um papel importante para as comunidades que os benzedeiros e as benzedoiras atuam. Sua intimidade com o sagrado possibilitou aqueles que não tinham acesso aos ritos cristãos oficiais, a buscarem conforto por meio de seus rituais de cura.

A prática da reza e seu ritual de benzeção, que se entende enquanto um ato de benzimento, possui uma relação entre o sagrado e o terreno, pois a partir dos benzedores que atuavam desde a colonização, se manteve a relação íntima entre esse ofício da rezadeira e o sagrado do catolicismo oficial, especialmente nessas regiões interioranas, trazendo, assim, um reconhecimento do ofício da reza, nos locais no qual esses senhores e senhoras agiam.

O ritual da reza, quando atentamos para ele, percebemos as orações mais variadas possíveis e notamos como elas são voltadas especialmente para problemas cotidianos, como o mau olhado, que causa cansaço no outro e é visto como uma mazela adquirida através de olhares negativos que as pessoas fazem sobre o outro. Aqueles que acreditam firmemente nesse mal, sempre procuram a benzedeira, pois consideram elas o intermédio para cuidar de todos os males do corpo, assim como os do espírito. Desse modo, visualizamos oração das rezadeiras e rezadores enquanto meio de cura, não apenas como algo privado, mas, também, coletivo, haja vista que, seu objetivo é trazer a cura de uma determinada mazela. Essa mazela ou doença, não é enxergada como uma característica distinta da sociedade, pelo contrário, a doença está totalmente interligada no meio social, e a partir dela os rezadores conseguem atuar enquanto meio de cura.

“Sendo, pois, o corpo uma construção social, as doenças que nele se manifestam, assim como as terapêuticas destinadas a combatê-las, nunca são meramente individuais, elas também levam a marca do social” (QUINTANA, 1999, p. 45). Com o olhar para o meio sociocultural, conseguimos analisar que através da doença a rezadeira consegue valorizar sua identidade, ou seja, não há apenas uma visão

religiosa que valoriza suas ações, mas as relações sociais que o ritual promove entre o enfermo e a benzedeira que também ressignificam sua importância.

Nesse contexto, a doença deve ser enxergada como uma característica comum entre a sociedade, ela é posta segundo Quintana (1999), como sinônimo de desordem social, e como meio de ordenar essa desordem além da ciência medicinal, está os benzedores, que como já foi colocado, se vincula entres relações sociais. Se de um lado elas possuem uma ligação do enfermo com sua religiosidade, por outro, também é vista enquanto uma médica natural que tem por função principal cuidar e tratar da doença: “se a doença é caracterizada pela desordem, falta de significação, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação, uma ressignificação. Esta não poderá ser obtida remetendo-se a doença meramente a uma causa determinada, é necessário que seus sintomas sejam articulados a um todo, a um sistema de significações (QUINTANA, 1999, p. 46).

Enxergando a doença enquanto desordem social, é visível que se compreenda a necessidade de buscar essa cura e partindo de meios de significações para, assim, entender sua causa. Tratando do enfermo que procura a benzedeira, assimilamos então que a causa de sua enfermidade pode ser enxergada através de um saber religioso, ou de uma crença popular, pois é através dessa construção social, que o mesmo tem sobre a relevância desse ofício que há uma indignação para esse ritual de cura, a fim de trazer harmonia para o seu meio.

Nessa mesma perspectiva, Mircea Eliade (1991) ressalta que, de tempos em tempos, a humanidade volta-se para figuras sagradas a fim de alcançar alguma proteção divina e que, desde em tempos antigos, os males, sejam eles do corpo ou do espírito, são entendidos enquanto desordem. Recorrer ao sagrado enquanto símbolo de ordem, de cura e de poder são fatores que faz os que possuem crenças nas práticas de reza a se voltarem para seu ritual, por entenderem esses indivíduos dotados desse ofício como mediadores entre o sagrado e as mazelas.

Desde antes do século XVI, os mais humildes, os escravos e os negros forros buscavam os rezadores como rota de salvação para sua cura, nesse momento em especial, nem o saber medicinal e o religioso se importavam com essa classe, fazendo-os voltarem para as manifestações populares. Cabe salientar que, aqueles que detinham grande crença no catolicismo, especialmente as camadas populares da sociedade, também buscavam os saberes da rezadeira para seu bem, haja vista que os mesmos o

consideram como figuras de fé e acreditavam que algumas doenças só se curavam por intermédio da oração.

Deparando-se com este ofício e voltando-se para esse período, é visível perceber que ofício da reza possui uma determinada importância dentro das localidades que atuam, e por meio de suas orações e narrações elas conseguem perpassar seus ensinamentos para as novas gerações, buscando táticas para que seu ofício não perca sua influência e permaneça resistindo:

Num primeiro momento, pode-se pensar que a benzedura seja um resíduo de tempos passados, como uma grande fortaleza que deixou de ser utilizada e se encontra entregue ao tempo para sua total destruição. Longe disso, a benzedura é um entre outros sistemas de cura que são utilizados pelos grupos populares. O que podemos afirmar é que essa prática (assim como toda prática social) vem sofrendo uma série de modificações (QUINTANA, 1999, p. 45).

Essa prática vem se modificando ao longo do tempo. Ressalta-se que, para além dessa modificação, o próprio ritual continua forte e, por mais que a modernidade traga mecanismos para resoluções de problemas como o avanço medicinal, a prática de cura ainda continua e só consegue permanecer nessa contemporaneidade, do século XX ao século XXI, pois através de sua prática oral e de seus ensinamentos, as novas gerações continuaram a seguir essas tradições populares.

O ofício da reza enquanto manifestação popular, dentro do que compreendemos a vastidão do que vem a ser popular, nos convida a perceber que essas tradições possuem ritos importantes e por mais que esteja no âmbito de estudos folclóricos, quando introduzimos essa prática como objeto histórico, conseguimos entender que a cultura popular circula nossa sociedade, e está presente no cotidiano. Sendo assim, cabe olhar para o ofício de rezador/benzedeira como uma tradição cabível dessa análise, e que sua reza, objeto principal de seu trabalho, possui papel fundamental para entendermos da dimensão da sua prática cultural.

Como já colocado, as rezadeiras se concentram principalmente na zona rural e nas cidades interioranas do Nordeste. Partindo desse pressuposto e aguçando nosso olhar para região Nordeste e, mais precisamente no estado da Paraíba, conseguimos identificar a presença desses ofícios em várias cidades da região, através de pesquisas que tratam sobre a atuação dessas pessoas em algumas cidades ou na zona rural da Paraíba, é notável que a manifestação da rezadeira é discutido dentro e fora da academia nos mais variados contextos.

Em especial, trazemos agora enquanto eixo para essa discussão, as práticas de cura que se fazem presente na cidade Junco do Seridó, situada na região metropolitana de Patos, lugar onde o ofício da reza e seu ritual estão ativamente fortes, através de quatro senhoras que atuam na comunidade, dentre elas a rezadeira Maria Nazaré. É essa atuação da benzedeira e rezadeira, especialmente as mulheres que detém grande parte desse aprendizado nas cidades, que se fazem presentes e que podemos destacar uma das mudanças que elas passam, sua prática sai do âmbito rural, e das imposições da cultura oficial, e ganha espaço no urbano. Sua presença torna-se essencial para aqueles que reconhecem seus saberes, não apenas em áreas rurais, mas agora na cidade.

Olhando seus rituais como objeto que interliga o ofício da rezadeira juntamente com a sociedade, percebemos que, para analisar cuidadosamente esse ritual, é importante dar voz às protagonistas desse ofício. E, já que na comunidade de Junco do Seridó, essas pessoas desempenham um papel de suma importância para o bem social, desde sua fundação em 1961, é visível enxergar tal implicância e discutir esse ritual. Portanto, mediante o depoimento que será abordado, podemos adentrar na construção da prática de cura a sua significância e como essa senhora se identifica enquanto rezadeira.

“O que cura a gente é a reza”: Dona Nazaré

É partindo desse esmiuçar cuidadoso para a cidade de Junco do Seridó, na Paraíba, que nos deparamos com a forte presença da prática de cura das benzedeiros e rezadeiras e, através das memórias que partem dos depoimentos dessas senhoras, podemos então identificar o ritual de cura e a dimensão da importância do ofício de rezadeira nessa cidade.

Para além dessas inquietações, é cabível destacar que o benzedeiro e a rezadeira possuem definições distintas para alguns estudiosos. Aos olhos de Quintana (1999), o benzedor é aquele que age como intermediária entre o enfermo e o benzedor. O rezador, por outro lado, é apontado enquanto aquele que se utiliza das orações do catolicismo oficial para agir contra a enfermidade. Para outros pesquisadores, que nem Theotonio (2010), ambos os termos podem definir o ofício dos mediadores que agem contra a doença através de orações ou produções de remédios.

Da mesma forma, ao dirigir-se entre os gêneros masculino e feminino, pois segundo Quintana (1999) e a própria pesquisa, torna-se perceptível que há presença de

rezadores de ambos os sexos, porém na sua maioria mulheres, o que eleva a utilização do termo “rezadeira” como, também, o fato de nos referirmos a senhora Nazaré.

Dito isto, é visível que ambos os termos podem ser utilizados para definição do ofício dessas senhoras, haja vista que as senhoras se reconhecem como benzedeiras e rezadeiras. Entre as senhoras que dão vozes para esse estudo, destacamos nesse artigo a senhora Maria Nazaré dos Santos, de sessenta e seis anos, popularmente conhecida como Dona Nazaré, filha natural da cidade de Lagoa Grande, mas desde seus dez anos de idade que reside no Junco do Seridó.

Ela por sua vez, nos expõe suas lembranças e relata sobre seu cotidiano enquanto rezadeira, diante das memórias que ela nos relata, percebemos como esse ritual se vincula com a sociedade, haja vista que a reza enquanto meio de cura é visto como uma ordenação social. Torna-se visível a importância desse ritual quando perguntamos a ela com quantos anos ela começou a rezar e a mesma relata que:

Eu sou média de nascença, eu comecei a rezar eu tinha dez anos de idade, hoje estou com sessenta e seis anos. Mas minha reza é diferente, eu rezo de olhado, de sol na cabeça, eu rezo de ventre caído na criança, de força de dente, de aranha. Pois é minha reza é diferente, todo mundo diz, o povo tem muita fé na minha reza, e que cura a gente é a reza.⁴

Ao nos depararmos em primeiro momento com o depoimento de Dona Nazaré, observamos como a reza é um meio importante para aqueles que possuem crença nesse ritual, em especial, chamamos atenção para como os tipos de reza as quais ela citou, se vinculam diretamente com os problemas do cotidiano das pessoas dessa cidade.

Assim, como Quintana (1999) destaca, se a doença representa um símbolo de desordem social, a cura tem por meio da reza a função de reorganizar esse local, ou seja, o corpo enfermo, que apenas o ofício da rezadeira consegue organizar, isso, segundo aqueles que possuem crença no ofício da rezadeira. Nazaré, enquanto uma dessas detentoras do saber, explica bem sua função dizendo:

Rezadeira é rezadeira, já vem dizendo, eu rezo de olhado e quebrante botaram, com dois botaram e com três eu tiro, como poder de Deus pai, com o poder de Deus filho, e Deus espírito santo, amém. Se botarem na tua gordura, na tua comida, na tua esperteza, e na dormida, na boniteza, no teu olhar, no bem querer e assim gente reza com o raminho tirando a doença em cima de você.⁵

⁴ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

⁵ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

Segundo Dona Nazaré, a função da rezadeira se define apenas em rezar, porém, é por meio de seu depoimento que conseguimos identificar como esse ritual está interligado com a relação social dos indivíduos que a procuram. Abarcando essa conexão com a reza, a rezadeira e o portador da doença, é possível enxergar essa relação, quando nos deparamos com as orações que se volta para o cotidiano do portador da doença. Ou seja, a desordem que a doença trás não afeta apenas o corpo, mas o cotidiano desse sujeito, especificamente os sujeitos do local que elas atuam, pois em cada contexto a oração diferencia-se de acordo com as necessidades da comunidade.

“Essa prática de cura se completa apenas com a junção de três elementos essenciais: a rezadeira, aquele que é rezado e a palavra portadora da cura. Ainda que a reza utilize outros elementos como a água ou o ramo, a palavra é o centro da prática” (THEOTONIO, 2010, p. 34). É por meio da narração e da oralidade que a reza se concretiza e por meio das palavras proclamadas que esse ritual ganha forma e, assim, fundamenta-se como esse ofício resiste e não perde sua importância onde atua, pois através das palavras propagadas pelas rezadeiras o portador da doença recebe a cura. Cabe destacar que a oralidade não é apenas o meio de trazer a cura, mas meio de compartilhar seus saberes.

Dona Nazaré relata que mesmo sem aprender ler e escrever, quando começa a rezar lembra-se das orações, pois segundo ela esse ofício é um dom dado por Deus, sendo isso enxergado por Eliade (1991), como um poder místico que aperfeiçoou a capacidade desses indivíduos de conhecer o saber que atuam. Ou seja, para além desses três elementos (THEOTONIO, 2010), é visível que a rezadeira, enquanto mediadora da cura através de suas orações, possui uma relação de fé, especialmente com o sagrado cristão. Maristela (2009) chama atenção para essa colocação por meio do viés sincrético, o qual segundo ela, esse conceito se organiza para entender como alguns ritos e tradições se fundem em alguns espaços da igreja católica. Atentamos a essa questão quando perguntamos a Dona Nazaré se ela é católica e como ela aprendeu a rezar, a mesma nos diz:

Sim, eu sou da Igreja sim.

Eu sou católica, assisto muito pelo rádio, mas a mulher da igreja vem rezar aqui e eu rezo mais elas, as senhoras vêm e fazem as novenas.⁶

A gente reza com fé em Deus, e os Guia de Luz, eu recomendo a Deus a sua vida, temos que se pegar com Deus. Sou devota do Divino Espírito Santo, Iemanjá e São Francisco das Chagas.⁷

⁶ Depoimento concedido por Dona Nazaré, 24 de maio de 2019.

Eu sei as reza mesmo sem saber ler, meu guia ensinou, ai eu não posso ensinar a mulher não, mas a homem eu posso, você diz assim: sonho em Nossa Senhora, um grande pranto nasceu, cravado de oliveira, onde Jesus Cristo encostou, acorda São Gabriel, ponha a mão no premo, vigia essa virgem Maria, se dorme, se vive, se vigia. Oh meu amado filho, eu nem durmo, nem vivo, nem me vigio, só assim eu sonhei. Eu vi um revorosso sonho, vi o lindo cravo rebater, a corda arrochar, a lua gemer, sol suspirar, quem essa oração rezar, e o ano continuar, desse mundo serei rei, e outro recruado, que eu vi, quem não aprender, de juízo a de se arrepender, quem souber e não ensinar, dia do juízo se arrependerá. Teu dom é Jesus da vida, é o pai do teu coração, acusai teus pecados e sabeí de onde eles são, com trinta arrependimentos, sentindo dor no coração, pela vossa morte paixão, amém.⁸

A partir da ótica desse depoimento, é possível analisar o ofício de Dona Nazaré em dois momentos: o seu pluralismo religioso e sua relação com o sagrado cristão, além do seu ritual de iniciação enquanto rezadeira. Essa forte presença sincrética no ritual da senhora Nazaré não está apenas voltada especificamente aos ritos do catolicismo, por mais que ela se considere cristã católica, e que seu rito pareça ser hegemônico com relação ao catolicismo. Existem outras tradições presentes no ritual de cura da rezadeira, herdado através desse pluralismo religioso presente no Brasil.

Tornando-o perceptível, não apenas o sincretismo, mas como esse contato com outras religiões acrescenta a vivência e experiência religiosa da rezadeira citada que segundo Eliade (1992), é o que fundamenta o rito, a vivência íntima do sagrado permite que seus crentes tenham essa relação entre o sagrado e o possibilita, no caso da rezadeira, adquirir essas experiências e adotar dentro de sua prática.

“O pluralismo religioso ainda que tenha conhecido tensões favoreceu novos ciclos de troca com assimilação de novas crenças e ritos, ampliando o processo de sincretização” (ANDRADE, 2009, p. 109). Neste sentido, o lugar dessas senhoras também passa por tais modificações, já que o próprio relato de Dona Nazaré explicita esse pluralismo ao relatar que ela propaga suas orações com Deus e os Guias de luz.

O Deus que ela ressalta é entendido como o Deus cristão, porém, seu Guia de luz está presente em outras tradições religiosas como no espiritismo Kardecista, representando uma entidade que visa proteger e aconselhar esses indivíduos que pudessem ter ligações místicas com suas crenças, bem como algumas de suas simbologias, como utilização de plantas assemelhando-se ao xamanismo.

O relato ainda revela um pouco mais sobre a presença sincrética em seu ofício. Ao ponderar sobre sua devoção por meio de símbolos sagrados, Dona Nazaré, mesmo

⁷ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

⁸ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

sem perceber, diz ser devota de Iemanjá e a considera uma das representações do catolicismo. Segundo Luiz Mott (1997), a figura dessa divindade faz parte das tradições das religiões de matrizes africanas que ainda no período colonial, fundiu-se aos símbolos do catolicismo como forma de disfarçar a presença de outros cultos na colônia que não eram voltados para os ritos cristãos dos colonos, o que tornou comum assimilar a figura de Iemanjá com as representações de santos do catolicismo oficial e justifica o porquê, de Dona Nazaré fazer tal assimilação.

Mesmo com essa forte presença sincrética no ritual das rezadeiras, quando tratamos sobre a relação com o sagrado cristão, é perceptível que Dona Nazaré bem como as demais senhoras que serão abordadas, se identificam como rezadeiras e como católicas. Tal afirmação pode ser enxergada através dos pressupostos de Carlo Ginzburg (1988), que trata como as manifestações populares podem estar presentes em culturas oficiais e circular entre elas. Assim, podemos perceber que a rezadeira, enquanto um ofício popular, consegue circular através do catolicismo e, ao mesmo tempo, se reconhecer como benzedeira, ou seja, essa circularidade está presente entre as rezadeiras, o catolicismo local e as pessoas da sociedade que reconhecem a importância desses saberes.

Essa circularidade cultural não está presente apenas no seu reconhecimento enquanto católica, mas também em seu ritual de cura. É por meio de suas orações como benzedeira que podemos reparar que em todo o ritual é invocado nomes de santos católicos, como também se pede a benção ao Deus cristão; seu ritual consegue permear o local entre o sagrado cristão e a doença enquanto desordem social, ou seja, a benzedeira circula entre esse conjunto, do sagrado com o popular e o social, e reconhece seu ofício.

Em um segundo momento, identificamos em torno de sua fala o ritual de iniciação para aqueles que possuem esse dom. Como já citado, a rezadeira aprende seu ofício através de dois momentos, quando é ensinada por outro rezador, ou quando desperta seu dom através alguma revelação do sagrado, ressaltando que cada uma dessas senhoras inicia de forma específica, cada uma com métodos ou revelações que partem de sua experiência individual e única.

No caso de Dona Nazaré, que desde cedo despertou essa crença, a mesma citou no depoimento acima que, mesmo sem saber ler, os guias de luz a ensinaram. Segundo Quintana (1999), esses anjos de luz ou guias, como é exposto aqui, tratam da revelação

do sagrado para a rezadeira. Tais guias, como no caso de Dona Nazaré, tornaram-na uma benzedeira.

Por mais que ela tenha aprendido através dessa relação com o sagrado, a mesma diz que não pode ensinar a qualquer pessoa, pois enquanto mulher e rezadeira, só podem ensinar a homens. Segundo sua narrativa, há essa restrição, e passar seu ensinamento a outra mulher significaria a perda de seu ofício. Da mesma forma, o homem enquanto rezador, deve ensinar apenas a mulher. Dito isso, percebe-se que o primeiro ato da iniciação de um indivíduo que deseja se torna um benzedor, é a oração que Dona Nazaré traz, pois, segundo ela, é através dessa oração que o indivíduo pode despertar seu dom e aprender a arte e o ofício de cura. Por mais que haja o despertar de um dom para com o sagrado, ainda assim é necessário o processo de aprendizagem por meio de outras pessoas que atuam neste ofício. Esta questão se dá também pela memorização e pela observação enquanto processo de aprendizagem via oralidade. Não apenas Dona Nazaré, como outras rezadeiras, não decodificam a escrita, e seus ensinamentos perpassaram por meio da oralidade. Os aprendizes observam os rezadores mais velhos e assim aprofundam seus saberes.

Conforme destacou Quintana (1999, p. 86), “não se trata aqui de uma escolha, de uma opção, mas sim de uma imposição, de uma obrigação que a benzedeira deve cumprir”. Partindo dessa colocação, para entender o ritual de iniciação da rezadeira, é visível que quando esse ofício parte de uma revelação ou de um ensinamento, a benzedeira tem que, por sua vez, atender sempre a sociedade, e não cobrar valores em troca. Sobre essa questão, quando perguntada sobre o que recebe em troca, Dona Nazaré responde:

Eu não rezo por interesse, não tenho fé nesse povo que cobra para rezar. O povo traz coisas pra mim, galinha, carne e eu dizemos: não me dê nada em intenção da reza não, por que Deus não deixou a gente pra cobrar nada em troca não.⁹

Povo liga pra mim, pronto! Esses dias mesmo Seu Geraldo de Salgadinho ligou pra mim, para eu rezar nele, e na volta me traria uma galinha pra mim, eu rezei e disse que não trouxesse nada, porque a gente não pode cobrar nada não, nós reza, mas o poder da cura é de Deus.¹⁰

O simples ato de trazer recompensas, mesmo sem ela cobrar algo em troca, pode ser enxergado como o reconhecimento de seu lugar enquanto rezadeira e sua

⁹ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

¹⁰ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

importância para os enfermos que a procuram. Tal saber e fazer, por mais que não possua um apreço financeiro, sugere ser um ritual que permeia a sociedade e causa fortes implicâncias dentro do sentido caridoso de fazer o bem ao próximo. Por meio das lembranças de Dona Nazaré, enquanto detentora desse saber, notamos que, por mais que a idade a aflija, a mesma detém em seu local um reconhecimento e uma valorização. Todavia, essa senhora não se considera capaz de curar, enxergando seu saber como uma forma de mediação entre a cura que advém da sua relação entre o sagrado e o enfermo.

Considerações finais

Tentar compreender através das memórias de Dona Nazaré como o ritual da cura pode circular entre o sagrado e a sociedade que as benzedeadas atuam é, na sua soma, expor o quão característico se torna o ofício de rezadeira, que não apenas caminha por esse campo, como também nos saberes medicinais e nas questões da natureza. Dito isto, é notável a contribuição de seu depoimento para o diálogo abarcado nesse artigo, que não se deteve apenas numa fundamentação bibliográfica, mas que trouxe vozes dessas detentoras do saber popular. Os rezadores, nessa perspectiva, deixam de se enquadrar nas definições folclóricas e míticas que as colocações pejorativas induzem, e se expõe o quão significativo e singular torna seu ofício, da cultura popular, que da mesma forma que outras tradições, possui seus símbolos e diversidades. O ritual de cura também consegue expor toda a sua simbologia presente no ofício da rezadeira, bem como a circularidade entre as culturas oficiais.

Por fim, o presente artigo buscou se aproximar da história enquanto ciência para analisar esse rito de tradição da cultura popular, o qual por meio dos conceitos abarcados, visa responder a problemática, compreendendo o processo do ritual de cura dos rezadores e sua circularidade. Em diálogos envolvendo cultura, memória e sociedade, procuramos expor o ritual de cura ativamente presente em alguns lugares do Brasil, como na cidade de Junco do Seridó, onde a senhora Nazaré se faz presente.

Referências

Fontes

Maria Nazaré dos Santos, 66 anos, agricultora aposentada, Rua Balduino Guedes, Junco do Seridó PB.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse por setores IBGE. Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopsesetores/?nivel=st>. Acesso em 11/10/2019.

Bibliografia

ANDRADE, Maristela O. *A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético*. João Pessoa: CAOS, 2009.

ALBERTI, Verena. *Manual de história Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BÓISIS, Eclea *Memória e Sociedade, Lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo: Companhia das letras. 1994.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COSTA Joalison de S. *As velhas benzedoras/rezadeiras cacimbenses*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Paraíba, UEPB, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer; EICHEMBERG, Rosaura. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlos *Os Andarilhos de bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELLO E SOUZA, Laura de (org). *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.155-220.

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SALES, Cristiane Maria Pimentel. *Rezadeiras: uma fé popular*. Ceará: OPSIS, 2007.

THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. *Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB*. Dissertação (Mestrado em História), Campina Grande, Pós-Graduação em História, UFCG, 2010.

SOUZA, Maria Cristiane Pereira. *A palavra e o lugar da cura: história oral*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Porto Velho, 2008.

TEIXEIRA, Douglas. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Artigo recebido em 04 de dezembro de 2019. Aprovado em 02 de março de 2020.